

RESUMO EXPANDIDO ESTRUTURADO - SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR –
ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE
MENTAL, PREVENÇÃO E CUIDADO INTEGRAL

**TEATRO DO OPRIMIDO COMO RECURSO DIALÓGICO E EMANCIPATÓRIO
NA TERAPIA OCUPACIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.**

Jefferson Davi Silva Lemos (jefdavilemos@gmail.com)

Emanoela Dos Santos Souza (emanoela-souza@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

A terapia ocupacional (TO) inicialmente possuía foco na reabilitação de acidentados no trabalho. Contudo, o deslocamento de alguns profissionais, para atuação em contextos sociais, criou um novo panorama na década de 1970. Com isso, cria-se duas perspectivas teóricas que fundamentam o que ficou conhecido como Terapia Ocupacional Social (TOS), a primeira pautada na análise de processos sociais, enquanto a segunda surge como uma crítica ao saber médico-psicológico. Desse modo, a TOS reconhece as desigualdades sociais e propõe ações voltadas à população vulnerável, promovendo o reconhecimento de direitos (Cavalcanti e Galvão, 2024).

As contribuições Freirianas influenciam várias áreas do saber, inclusive a TOS e o Teatro do Oprimido, ao proporem ações que geram o enfrentamento das opressões e das desigualdades, intencionando soluções práticas para as situações que expõe contradições sociais na vida dos sujeitos historicamente oprimidos (Farias e Lopes, 2022). Paulo Freire destaca em sua obra (Pedagogia do Oprimido), a importância de os oprimidos reconhecerem os

seus opressores como forma de interromper relações de dominação (Freire, 1987). Isso firma uma base sólida para o Teatro do Oprimido posteriormente.

Boal (2009), criador do método teatral, elabora a estética do oprimido afirmando que a arte e a cultura, frutos do pensamento sensível, carregam consigo a força capaz de despertar consciência e liberdade. Somente a partir dos meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem) o sujeito possui a capacidade de transformar a realidade para a construção da real democracia. Nessa estética, o oprimido assume papel de ator através da interação espontânea (espect-ator).

Alves, Gontijo e Alves (2013) demonstram a potência da integração entre o Teatro do Oprimido e a TOS ao oportunizarem a reflexão crítica através do método teatral, em contextos de vulnerabilidade social. Dentre as várias observações permitidas, as autoras expõem a capacidade que o método possui em propiciar a auto-observação seguida da reflexão, a diminuição da timidez e melhora relativa das relações interpessoais. Além de ser ferramenta emancipatória no combate aos estigmas.

Guimarães, Lorenzo e Mendonça (2021) afirmam que algumas narrativas sociais apresentam como o processo estigmatizador auxilia para que pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não binários e outras identidades) sejam consideradas moralmente condenáveis. Paralelo a isso, Conforme Barkley (2008), Crianças com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) possuem itinerários marcados pela estigmatização, oportunizados pelas contribuições de variáveis como comportamentos de menor reciprocidade nas trocas sociais e comunicação menos eficiente, coeficientes que contribuem para a dificuldade de aceitação social. Logo, como o Teatro do Oprimido pode contribuir para a desconstrução de estigmas ligados ao TDAH e às identidades LGBTQIAPN+, no contexto da TOS?

Desse modo o presente estudo objetiva descrever a experiência favorecida por uma oficina que integra TO e teatro do oprimido, abordando estigmas como TDAH e identidades LGBTQIAPN+, além de analisar como o Teatro do oprimido pode favorecer o diálogo emancipatório.

MÉTODO

O presente estudo surge de uma vivência construída a partir de uma abordagem observacional, com caráter descritivo e exploratório. Este é um

relato de experiência, permitido por meio da disciplina de Atividades e Recursos Terapêuticos, do curso de Terapia Ocupacional. A proposta teve como inspiração o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, compreendido aqui como um poderoso instrumento de expressão, reflexão e ação. Para além de uma técnica dramatúrgica, o teatro foi utilizado como um espaço que permitisse experiências que tocassem o sensível e o simbólico, intencionando a construção compartilhada de narrativas.

A proposta foi executada como um espaço vivencial, sob a ótica das convergências entre TO e Teatro do Oprimido, permitindo que os estudantes pudessem participar como espect-atores, atuando e refletindo sobre cenários que envolvessem os estigmas associados às pessoas com TDAH e identidades LGBTQIAPN+. Houve preparação do ambiente de maneira que fosse criada uma atmosfera que oportunizasse a imersão e engajamento ativo, com uso de iluminação, sons e cartazes informativos. Tais elementos serviram como mediadores, incrementados como forma de potencializar a expressividade e percepção da plateia.

A intervenção se deu em três momentos: uma vivência inicial com a prática de exercícios com movimentos e também o estabelecimento de privações sensoriais, para alguns participantes, incentivando a criatividade para novas formas de comunicação; encenações nas modalidades teatro invisível e teatro fórum, que expuseram o TDAH e as identidades LGBTQIAPN+ sob a ótica do estigma; e, por fim, uma apresentação de dança simbólica seguida por uma roda de conversa, permitindo o diálogo a partir das percepções sobre a experiência.

As observações, registradas em diário, permitiram que a equipe pudesse registrar gestos, expressões e falas que apontaram o envolvimento do grupo. Tais registros foram analisados de maneira que buscou-se compreender as vivências construídas e quais significados foram atribuídos a elas e ao uso da prática dramatúrgica emancipatória.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi observado que, durante a vivência, alguns participantes demonstraram comportamentos distintos frente às privações sensoriais. Aqueles que tiveram a restrição da visão, por exemplo, mostraram-se mais sensíveis aos sons provocados pelos atores e instrumento (zabumba), reagindo com sobressaltos aos ruídos inesperados. Essa resposta pode ser compreendida através do entendimento de como o cérebro processa os impulsos de inibição e excitação

para regular o estado de alerta. Para Dunn (2011) o excesso de excitação provoca reações exageradas, assim como a inibição, também em excesso, pode impedir respostas adequadas ao que acontece ao nosso redor.

No primeiro momento, a plateia apresentou certa hesitação, mas, após incentivo dos atores passaram a participar de forma mais ativa e espontânea. A primeira cena em que houve participação, abordava uma relação conflitante entre mãe e filha, com comportamento de birra, por parte da filha e agressividade da mãe. Foram observadas duas reações distintas: uma empática e outra punitiva, por parte do público, movidas pelas emoções experimentadas com a cena. Fonseca (2008) afirma que as emoções são os primeiros sistemas de relação que possuímos, sendo elas uma força que impulsiona e estrutura o comportamento, por meio da organização da sensibilidade e da motricidade.

Após a vivência de várias outras cenas escoradas na modalidade do teatro fórum, o grupo proponente finge encerrar o espetáculo e inicia um conflito combinado com uma integrante da plateia (orientada previamente). A participante, agora espect-ator, questiona a veracidade das situações representadas nos contextos de pessoas com identidades LGBTQIAPN+, afirmando que estas possuíam as mesmas oportunidades em sociedade. A reação foi imediata: Uma parte da plateia manifestou comportamento de revolta, expressando discordância e desconforto com a fala apresentada. A professora interveio, também sem saber que se tratava de uma encenação, e solicita que sigamos sem tensão. Em seguida, a equipe proponente retoma a situação de forma inesperada, iniciando uma apresentação coreografada com uma música simbólica, transformando tensão em alívio e celebração.

Na roda de conversa, realizada ao final da apresentação, alguns integrantes da plateia relataram terem sido tocados de maneira significativa pelas cenas. Alguns exibiram comportamento contínuo de choro durante e após a apresentação. Os relatos e observações nos permite identificar o teatro como mobilizador de afetos e provocativo nas reflexões e elaborações de experiências transformadoras.

CONCLUSÃO

A experiência relatada alcançou plenamente os objetivos propostos, uma vez que foi percebida e descrita a integração da TO e Teatro do Oprimido, como mecanismo para abordar estigmas relacionados ao TDAH e às identidades LGBTQIAPN+, favorecendo o diálogo e elaboração de narrativas sociais.

Revelou-se que as privações sensoriais aplicadas pela equipe proponente provocaram respostas diversas. As restrições visuais, de forma específica, trouxeram reflexos mais intensos diante dos estímulos sonoros, aumentando o nível de alerta dos participantes nessa condição. A hesitação da plateia em participar foi superada após mediação da equipe e da expressividade nas cenas, conquistando participação espontânea.

Ficou evidente o contraste entre as posições opostas de participantes quanto a intervenção pretendida em casos encenados. Uma mesma cena podia evocar respostas éticas distintas, afirmando o Teatro do Oprimido como um método capaz de revelar percepções e provocar a reflexão crítica.

As cenas que dramatizavam preconceitos vividos por crianças com comportamentos próximos às identidades LGBTQIAPN+ e também as dificuldades enfrentadas por pessoas inseridas nessa comunidade, para se inserirem no mercado de trabalho, conjuraram emoções que se mostraram potentes para o engajamento nas cenas, reforçando a importância das emoções na ação contra contextos opressores.

O encerramento com o teatro invisível possibilitou um debate real e intenso, além de expor a ação coletiva como uma grande força para enfrentamento das opressões sociais. Com isso, confirma-se que a pergunta que norteava o estudo foi respondida de forma afirmativa, tendo em conta que o teatro do oprimido contribuiu de forma significativa para a desconstrução de estigmas e construção de novos olhares.

Contudo, reconhece-se limitações, como o contexto específico e o número reduzido de participantes e aplicações do método pela equipe. Mesmo assim, a experiência admite afirmar o Teatro do Oprimido e a Terapia Ocupacional como práticas com grande potencial de mudança e construção de novos caminhos. Usar essa relação dialética, de maneira estratégica, pode ser uma proposta para projetos futuros a serem introduzidos no ambiente acadêmico, como meio formativo, ou no campo social, como recurso dialógico e transformador.

Palavras-chave: teatro do oprimido; terapia ocupacional social; justiça social; estigma social; dialógico.